

**Universidade Estadual de Goiás –
Unidade Universitária de Uruaçu**

O Marxismo Libertário de Maurício Tragtenberg

Thalita Moreira de Jesus

Uruaçu, dezembro de 2014

Thalita Moreira de Jesus

O Marxismo Libertário de Maurício Tragtenberg

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História, sob a orientação do prof. Edmilson Marques.

Uruaçu, dezembro de 2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU

Página de aprovação

Título: O Marxismo Libertário de Maurício Tragtenberg

Acadêmica: Thalita Moreira de Jesus

Monografia apresentada dia 27 de fevereiro de 2015 e aprovada pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Edmilson Marques
Orientador

Prof. Erisvaldo Pereira de Souza
Arguidor

Prof. Gilson Soares Rosa
Arguidor

Uruaçu, dezembro de 2014

A emancipação dos trabalhadores será
obra dos próprios trabalhadores.

Karl Marx

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a pessoa que me propôs este tema, o professor Lisandro Braga, graças aos seus esforços pude ter acesso as primeiras leituras de Marx e conseqüentemente os textos libertários de Maurício Tragtenberg.

Meus sinceros agradecimentos ao professor e orientador Edimilson Marques, por poder contar com sua paciência e boa vontade. Nunca me negando ajuda e sempre me incentivando a continuar a pesquisa mesmo nas dificuldades.

Não poderia deixar de agradecer o amigo, professor e coordenador do Curso de História, Gilson Soares. Graças aos seus incentivos me convencendo a persistir e a não desistir do meu potencial em construir esta pesquisa. Juntamente com o orientador Edimilson, encontrei neles incentivo e fôlego para persistir.

Um especial agradecimento aos meus queridos pais, sem eles eu não teria chegado até aqui. Foi graças aos seus incansáveis esforços que pude ter acesso ao ensino superior e a persistir no sonho deles de ver sua filha formada.

Ao meu companheiro inseparável, Fabio, que me tolera e me apóia e que sempre se dedica em prol de nosso bem estar, um cúmplice com quem compartilho minhas inquietações e meus projetos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	07
CAPÍTULO I: O Marxismo como Expressão Teórica do Proletariado.....	10
CAPÍTULO II: O Marxismo Libertário na Obra de Maurício Tragtenberg.....	21
CAPÍTULO III: Autenticidade Marxista em Maurício Tragtenberg.....	30
CONCLUSÃO:	39
REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	42

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa se encontra em discutir a autenticidade marxista de Maurício Tragtenberg reunindo alguns dos pressupostos metodológicos de Marx como método de análise deste trabalho. O objetivo geral é discutir a existência e a expressão do pensamento libertário de Marx em Tragtenberg.

Antes, porém faremos uma observação do que é o verdadeiro marxismo que segundo Nildo Viana (2008) surge “como referencial teórico da classe proletária”. Tomaremos como ponto inicial os escritos de Marx, onde ele busca sintetizar todo o conteúdo real e histórico da humanidade e aplicá-lo na perspectiva do proletariado em método de análise.

Maurício Tragtenberg um crítico anarquista, reuniu ao longo de sua trajetória de vida uma incansável luta contra a exploração e alienação do indivíduo. Se voltando para os estudos da burocracia, que segundo ele surge para controlar e submeter o trabalhador ao trabalho alienado fará um honroso reconhecimento do pensamento de Marx ao apresentá-lo em suas obras, defendendo a sua perspectiva libertária.

O trabalho teórico e social de Tragtenberg nega incessantemente todas as ações contra o indivíduo expropriado, seu ensejo enquanto teórico radicalista foi o de denunciar os males do capitalismo nas suas variadas formas de dominação: seja na forma privada, estatal, burocrática ou sindical. As lutas sociais e a autogestão social como ato de organização social contra a dominação são fatos determinantes na vida de Tragtenberg expressas incansavelmente em seus textos.

Dessa forma o problema da pesquisa se desenvolve na seguinte questão: as abordagens de Tragtenberg correspondem com o pensamento libertário original, suas críticas expressam a autenticidade dos escritos metodológicos de Marx?

A resposta para esta pergunta pode estar na hipótese de que a originalidade libertária de Tragtenberg está expressa em sua trajetória intelectual. Além de Marx, pensadores anarco-comunistas e alguns filósofos chamados de marginais ou “malditos” como Rosa Luxemburgo, Makhaïsky,

Korsch, Bordiga, Pannekoek, Gorter etc.; atraíram o seu interesse. As propostas destes teóricos influenciaram o seu pensamento para uma abordagem consciente de luta e ação em favor da autogestão, se espelhando nas práticas socialistas, ele irá imprimir nos centros acadêmicos e no jornalismo político suas convicções contra os abusos da classe dominante sobre a classe operária.

O tema pesquisado envolve assuntos cruciais que são apresentados com coerência nos textos de Nildo Viana, cita-se: O que é o Marxismo? Escritos Metodológicos de Marx e Manifesto Autogestionário. Com clareza e precisão ao expor o pensamento original de Marx, torna Viana uma referência para nortear as discussões que pretendemos desenvolver a seguir. Os textos de Tragtenberg serão as fontes principais a serem analisadas para expressar a existência do marxismo autêntico e libertário.

A metodologia adotada na elaboração deste trabalho se dá a partir da aplicação do Materialismo histórico Dialético. Submetendo o objeto da pesquisa à utilização deste método, ou seja, utilizando do método de Marx para investigar a existência do marxismo autêntico. Ao determinar a proposta de ser o marxismo a expressão teórica da classe operária e defender o método de análise ao qual submeteremos o objeto, pretende-se analisar os conceitos que regem esta pesquisa que são: teoria, ideologia, marxismo autêntico e marxismo inautêntico; para relacionar estes conceitos no método de análise da pesquisa com o objeto, mostrando que Tragtenberg corresponde com a proposta original do marxismo autêntico.

Desta forma o desenvolvimento desta pesquisa se encontra da seguinte forma: no primeiro capítulo realiza-se um levantamento teórico da perspectiva marxista, a definição do método; o segundo capítulo se volta para o objeto, apresentando a biografia, obras e a trajetória intelectual de Tragtenberg, no sentido de demonstrar as questões que o caracteriza. Para finalmente delinear a contribuição histórico-social que o objeto forneceu a partir de seu pensamento e ação libertária, sendo observadas a partir de suas razões sociais e culturais quando adota a perspectiva de Marx.

No primeiro capítulo, buscaremos definir o que é o marxismo na proposta original de Karl Marx, analisando sua contribuição crítica à sociedade moderna na elaboração de sua teoria, onde propõe seu método de análise a partir da existência de uma consciência histórica na perspectiva do proletariado

relacionando a teoria com a prática social; no segundo capítulo, propõe-se discutir os textos de Tragtenberg, expondo seus passos revolucionários que são desenvolvidos em suas obras.

O terceiro e último capítulo, retomar-se-á a proposta inicial da pesquisa, a partir da perspectiva marxista, para então identificar o legado libertário de Tragtenberg após pautar-se numa discussão livre de influências deturpadoras do pensamento crítico de Marx, para identificar a postura autêntica de Tragtenberg e neste sentido concluir a pesquisa denotando a contribuição do mesmo enquanto crítico revolucionário.

CAPÍTULO I

O Marxismo como Expressão Teórica do Proletariado

Neste capítulo, buscaremos definir o que é o marxismo na proposta original de Karl Marx, analisando sua contribuição crítica à sociedade moderna na elaboração de sua teoria, onde propõe seu método de análise e a perspectiva do proletariado, relacionando a teoria com a prática social.

O marxismo surge a partir de uma síntese histórica do materialismo histórico, um conjunto de análises que se basearam em pressupostos reais determinados pelas ações humanas ao longo da história. Para Viana (2008) o marxismo tornou-se a teoria mais importante do século XX, sua importância deve ser facilmente reconhecida quando se observa sua contribuição à filosofia, as lutas políticas, as ciências sociais e humanas como um todo.

Desde seu surgimento a teoria marxista foi brutalmente criticada, as variadas correntes políticas, científicas e ideológicas nem sempre lhes atribuíram a mesma originalidade e coerência ao empregar sua síntese prática usurpando seu caráter original. As interpretações burguesas a partir do final do século XIX pela social-democracia e no século seguinte pelo próprio bolchevismo, por vezes tentaram superar a teoria marxista que a limitaram numa interpretação totalitária, um quadro teórico pragmático onde determinaram seu caráter como puramente científico ou doutrinário sem perspectiva real para as situações reais, subvertendo seu caráter revolucionário.

Contraopondo as críticas burguesas que determinaram a teoria marxista como teoria totalitária, Nildo Viana na introdução de seu estudo *O que é o Marxismo* (2008) texto de destaque nesta pesquisa, desmistifica as ideologias inautênticas ao afirmar que “o marxismo nada tem de totalitário, ele é na verdade um pensamento libertário” (VIANA, 2008, p.30). Endossado por essa determinação autêntica da teoria marxista livre de influências que deturparam a sua origem e sua aplicação real.

A teoria marxista tem em Karl Marx seu principal autor revolucionário da modernidade. No entanto não se pode dizer que foi somente Marx que a

desenvolveu. Não é só a partir de Marx que surge o marxismo, pelo contrário, sua contribuição é fundamental para a formação da mesma, mas não é única e exclusiva. “O marxismo, inicialmente pode ser definido como um movimento político e cultural e que, portanto, ultrapassam as idéias e a pessoa de Karl Marx. A obra de Marx é o primeiro momento do marxismo, mas não o único” (Viana, 2008, p.35). Suas obras inserem-se num contexto que promissoramente serviu de método para a elaboração da teoria marxista enquanto expressão da classe proletária.

Dentro das variadas definições que determinaram a teoria marxista como teoria totalizante também se encontra a vulgarização da origem da palavra marxista. Nildo Viana faz uma breve definição da origem da palavra marxista, definida ironicamente pelos adversários políticos de Marx, pretendendo diminuir o pensamento libertário do mesmo;

A palavra “marxista” surgiu através dos adversários políticos de Karl Marx e possuía um nítido sentido pejorativo. Mikhail Bakunin chamou os partidários de Marx de “marxistas” e criou esta palavra. Com o desenvolvimento do movimento operário e a divulgação das obras de Marx ocorreu o surgimento e expansão do uso da palavra marxismo. Com o passar do tempo, os “marxistas” aceitaram estas denominações e realizaram uma “mutação de sentido” da palavra, que perdeu o sentido político pejorativo e ganhou um sentido político positivo (VIANA, 2008, p. 31).

O que antes foi citado pelo intelectual burguês Bakunin com a intenção de diminuir o trabalho de Marx e de seus predecessores, com a divulgação e o desenvolvimento dos movimentos operários a palavra marxismo adquiriu uma denominação comum, uma aceitação afirmativa dos então “marxistas”.

Para entender o que é o marxismo dentro da perspectiva defendida por Marx e posteriormente reforçada em Karl Korsch e também por Nildo Viana é necessário entender as condições fundamentais que levaram à elaboração da mesma. Deste modo o comprometimento deste texto está em manter um diálogo com alguns dos “escritos metodológicos”, onde estão expostas as observações de Marx, ao desenvolver seus pressupostos que expresse o materialismo histórico, na relação entre o ser e a consciência. Um método que tem explicação real a partir da observação da realidade da classe proletária e que tem por uma de suas raízes na crítica à “filosofia idealista burguesa” (Korsch, 2008).

“Marx é o interlocutor de duas importantes vertentes intelectuais de sua época, a filosofia alemã e a economia política inglesa” (Cordioli, 2009, p. 09). Abandonando a concepção idealista burguesa superando-a com uma concepção materialista, ele irá propor alguns pressupostos reais que surgem a partir de “uma teoria da história da humanidade” (VIANA, 2007, p.35).

Recorrendo ao método de análise presente nos escritos de “*A Ideologia Alemã*”, onde Marx expõe a questão análoga entre ser e consciência rompendo com idealismo burguês como determinismo de uma falsa consciência da realidade, pode-se compreender que segundo Viana (2007) Marx apresenta com mais detalhes sua crítica ao idealismo alemão, expondo a relação entre ser e consciência como pressuposto fundamental, onde é a existência humana que determina suas ações e, por conseguinte sua relação com outros indivíduos e a própria natureza. Estas relações produzem e reproduzem seus meios de sobrevivência e a partir da satisfação dessas “necessidades básicas os meios e a ação para satisfazê-las criam novas necessidades” (VIANA, 2007, p.25).

A forma como os homens produzem esses meios depende em primeiro lugar da natureza, isto é, dos meios de existência já elaborados e que lhes é necessário reproduzir; mas não deveremos considerar esse modo de produção deste único ponto de vista, isto é, enquanto mera reprodução da existência física dos indivíduos. Pelo contrário, já constitui um modo determinado de atividade de tais indivíduos, uma forma determinada de manifestar a sua vida, um modo de vida determinado. A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são o que são coincide, portanto com a sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto das condições materiais da sua produção. Esta produção só aparece com o aumento da população e pressupõe a existência de relações entre os indivíduos (MARX, [s.d], pp. 4-5).

A partir da determinação dos homens de produzirem e reproduzirem seus meios que garantam a sua existência há a determinação fundamental das relações de produção, e posteriormente a divisão de classes. “Tal divisão social do trabalho produz as classes sociais e a distribuição desigual do excedente” (p. 25). Diante dessa divisão social surge a luta de classes e as sociedades classistas que “produz a contradição entre interesse individual e interesse coletivo” (VIANA, 2007, p. 26).

Para Marx ([s.d]) é sempre o indivíduo envolvido em uma determinada atividade que se envolve em relações sociais e políticas determinadas, isso quer

dizer que em cada situação que se atem a dados reais, são demonstrados em si mesmo a intrínseca ligação que há entre a estrutura social, política e a produção material; assim a estrutura social e o Estado são reproduções vitais da constante relação entre os indivíduos determinados, essas reproduções não são resultados do que os indivíduos aparentam ser perante si e perante os outros e sim daquilo que é tal como trabalham e produzem materialmente. Procedem, portanto da forma como atuam partindo de bases como a divisão de classes, o Estado e a estrutura social, que dão condições e limites materiais determinados independentes da sua vontade.

De acordo com o método dialético são os homens reais e atuantes que determinam o desenvolvimento das suas forças produtivas e as relações sociais a qual correspondem incluindo as formas mais complexas que estas relações possam tomar. A consciência nunca é mais que o ser consciente e a consciência do ser é resultado do seu processo de vida material.

Contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para atingir o céu. Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens, da sua atividade real. É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. Mesmo as fantasmagorias correspondem, no cérebro humano, a sublimações necessariamente resultantes do processo da sua vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar este assunto, parte-se da consciência como sendo o indivíduo vivo, e na segunda, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e considera-se a consciência unicamente como sua consciência (MARX, [s.d], pp. 9-10).

As representações, o pensamento, a produção intelectual provém diretamente do comportamento dos indivíduos. Ao criticar as representações ideológicas, Marx coloca no plano ilusório toda e qualquer representação, sonhos e pensamentos como sendo abstrações da vida real, isso significa que a ação imaginária de pessoas imaginárias, como apresenta os idealistas, está em

um processo isolado da consciência. Essa falsa consciência da realidade seria uma falsa expressão da realidade. Entretanto, para superar essas “repercussões ideológicas”, são unicamente os homens envolvidos num processo de consciência correta que desenvolvem e produzem suas relações materiais e possuem o poder de transformar com sua própria realidade o pensamento ilusório burguês em consciência correta de vida material.

Posteriormente em outro escrito metodológico, Marx apresentará a crítica a economia política a partir da abordagem do materialismo histórico “retomando a questão da relação entre ser e consciência e relacionando-a com uma teoria do desenvolvimento das sociedades” (VIANA, 2007, p. 35).

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se chocam com as relações de produção existentes, ou, o que não é senão a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveram até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em obstáculos a elas. E se abre, assim, uma época de revolução social.

Ao mudar a base econômica, revoluciona-se, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura erigida sobre ela. Quando se estudam essas revoluções, é preciso distinguir sempre entre as mudanças materiais ocorridas nas condições econômicas de produção e que podem ser apreciadas com a exatidão própria das ciências naturais, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, numa palavra, as formas ideológicas em que os homens adquirem consciência desse conflito e lutam para resolvê-lo. E do mesmo modo que não podemos julgar um indivíduo pelo que ele pensa de si mesmo, não podemos tampouco julgar estas épocas de revolução pela sua consciência, mas, pelo contrário, é necessário explicar esta consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém, e jamais aparecem relações de produção novas e mais altas antes de amadurecerem no seio da própria sociedade antiga as condições materiais para a sua existência.

Por isso, a humanidade se propõe sempre apenas os objetivos que pode alcançar, pois, bem vistas às coisas, vemos sempre, que esses objetivos só brotam quando já existem ou, pelo menos, estão em gestação às condições materiais para a sua realização. A grandes traços podemos designar como outras tantas épocas de progresso, na formação econômica da sociedade, o modo de produção asiático, o antigo, o feudal e o moderno burguês. As relações burguesas de produção são a última forma antagônica do processo social de produção, antagônica, não no sentido de um antagonismo individual,

mas de um antagonismo que provém das condições sociais de vida dos indivíduos. As forças produtivas, porém, que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa cria, ao mesmo tempo, as condições materiais para a solução desse antagonismo. Com esta formação social se encerra, portanto, a pré-história da sociedade humana (MARX, 1931, pp. 1-2)

Neste trecho extraído do “*Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política*”, Marx apresenta a síntese do materialismo histórico, propondo os conceitos de modo de produção e divisão social do trabalho que correspondem às formas de regulamentação da consciência social. Sua contribuição propõe que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (MARX, 1931, p. 2).

O modo como as pessoas produzem sua vida material determinam o seu processo de vida em si, ao contrário da consciência que são as formas abstratas do pensamento é o comportamento das pessoas que demonstram o que elas realmente são. O desenvolvimento da humanidade é marcado por vários processos que determinaram as forças produtivas materiais se opor às relações de produção, tal oposição permite a contradição entre as forças produtivas da sociedade e as relações de produção que se confrontam na forma de dialética material.

Se recordarmos que a contradição entre as forças produtivas sociais e as relações de produção são contradições de classes e que cada classe social ocupa uma posição definida e específica em relação às relações de produção, veremos que a consciência social é determinada pelo “ser-de-classe” (VIANA, 2008, p. 44).

A crítica que Marx endereça aos ideólogos nos escritos de “*Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política*” faz um contra-senso da filosofia idealista. Segundo ele “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações”, isso quer dizer que o concreto dado “aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, e não como ponto de partida” apesar de que o concreto aparece como ponto de partida para analisar a realidade, “o ponto de partida da intuição e da representação” das abstrações (MARX, 1859, [s.p.]). Superando os ideólogos, Marx faz uma inversão da filosofia idealista, ao lançar as bases do materialismo histórico ele critica a

questão das relações de produção presentes na sociedade capitalista, e como essas mesmas relações criam condições para superá-las.

A crítica da economia política, teórica e praticamente o elemento mais importante da crítica social do marxismo, constitui – e este é um fato universalmente reconhecido – tanto uma crítica das formas da consciência social próprias à época capitalista quanto uma crítica das suas relações materiais de produção (KORSCH, 2008, p. 56).

A determinação das relações de produção contribui para a existência de classes, determinando a divisão social do trabalho e dos meios de produção. Como já foi dito anteriormente a analogia entre interesse individual e interesse coletivo, relação de interesses que Marx aponta em seus escritos do método, surge nas relações materiais determinadas e atendem as necessidades da classe burguesa (o individual) e os interesses da classe proletária (o coletivo).

Com a divisão social do trabalho que permite dividir o trabalho intelectual do trabalho manual, surge a dicotomia entre ideologia e teoria. O papel da ideologia está em expressar interesses individuais como sendo interesse coletivo “Marx condena interesses individuais que comprometem o desenvolvimento de uma consciência correta da realidade” (VIANA, 2007, p. 64). As ideologias são produto de uma falsa consciência da realidade, por estarem abafadas na ação de imitação da sociedade burguesa detém em si uma lógica antagônica, pois não demonstram interesses de um sentido prático na ótica da sociedade capitalista, pelo contrário, ocultam as formas reais, para expressar as formas de dominação.

Entretanto, se a ideologia só surge em sociedade de classes (pois só nestas aprofunda-se a divisão social do trabalho e os meios de produção tornam-se propriedade de uma classe assim surge a necessidade do Estado e da ideologia para esta mesma classe), que são contraditórias por natureza, então a dominação e a resistência também se reproduzem no plano cultural e intelectual. Neste sentido, podemos dizer que o interesse das classes exploradas está em superar a falsa consciência e a ideologia e em seu lugar produzir uma consciência correta da realidade social e assim entra em contradição com a ideologia (VIANA, 2008, p. 49).

Isso significa que em contrapartida a ideologia dominante, “cabe ao proletariado realizar a crítica da ideologia e da falsa consciência. Tal crítica assume a forma de teoria” (p. 49). Marx ao elaborar seu método de análise partindo da crítica idealista burguesa, não tinha a intenção de edificar uma nova teoria da história da humanidade. “Contrariamente aos burgueses, Marx possuía

plena consciência da estreita relação histórica entre a sua teoria e a filosofia idealista burguesa”. O método dialético seria resultado das determinações fundamentais da “evolução social”, que “surgem necessariamente na classe operária, em razão da sua situação material” (KORSCH, 2008, p. 33). Marx ao relacionar a ideologia e propor um método de análise,

encontra um terreno favorável para seu desenvolvimento quando parte da perspectiva do proletariado. Vale dizer, é interesse da burguesia ofuscar uma consciência da realidade, já o interesse do proletariado é desenvolver tal consciência (VIANA, 2007, p. 65).

Na perspectiva do proletariado são as atividades de vida material, os indivíduos envolvidos em processos reais, que transformam com sua realidade o seu pensamento e o resultado desse pensamento. A partir dessa consciência que corresponde à consciência dos indivíduos vivos que podemos chegar a correta expressão material. Isso significa que as representações e reflexões ideológicas não se baseiam em homens de carne e osso, mas no pensamento abstrato, na imitação do real partindo do imaterial.

A determinação central dos escritos metodológicos de Marx está em “relacionar luta de classes e desenvolvimento da consciência. Para Marx somente partindo do ponto de vista do proletariado é que se pode compreender o modo de produção” (VIANA, 2007 pp. 66-67). Ao criticar a ideologia, ele faz com a intenção de mostrar a realidade da sociedade capitalista, para isso toma como expressão a classe proletária que no capitalismo contrapõe à classe burguesa, “as duas classes sociais fundamentais na sociedade capitalista” (VIANA, 2007, p. 74).

Ele realizou uma crítica da economia política e desmantelou o discurso científico dos economistas burgueses. Mas, ao criticar a economia política, ele também tornou explícitas as relações sociais produzidas pelo modo de produção capitalista e, por conseguinte, não produziu apenas um discurso negativo, crítico (sobre a economia política), mas também um discurso afirmativo, uma teoria do modo de produção capitalista (VIANA, 2008, p. 51).

As interpretações burguesas correspondem a uma proposta ideológica da estrutura social, combinadas com as transformações ocorridas na indústria e na propriedade privada o discurso puramente científico reproduz as relações implícitas do interesse dominante. Ao desmantelar a economia política alemã e o cientificismo francês, Marx irá propor uma teoria do modo de produção, definida a partir das relações de produção com as forças produtivas. O conjunto dessas

relações se forma a base da sociedade, sobre esta base, que se ergue toda a estrutura social, política, espiritual e ideológica.

Ao desfazer o discurso científico, Marx inverte a estrutura social utilizando a base material como expressão correta da vida material. Ao realizar tal inversão sobre as concepções de vida material e abstrata, ele apresenta as duas estruturas sociais da sociedade moderna a infraestrutura: que são as relações de produção e forças produtivas. E a superestrutura: que é o Estado, Igreja etc. Com a determinação social em infraestrutura e superestrutura, surge a divisão social do trabalho onde há a separação entre trabalho intelectual e manual. A burguesa dispõe do trabalho intelectual, enquanto a classe proletária dispõe do trabalho material.

Tal como Marx colocou, a autonomização do mundo das ideias só é possível com o aprofundamento da divisão social do trabalho e a separação entre trabalho intelectual e manual. Aqueles que executam o trabalho intelectual, os ideólogos, produzem, no seu pensamento, uma autonomização deste (VIANA, 2008, pp. 53-54).

Desse modo “a posição que o indivíduo ocupa numa sociedade se refere à qual classe ele pertence ou a partir de qual perspectiva ele se coloca” (VIANA, 2007, pp. 74-75). Viana (2008) diz que da mesma forma que a classe dominante tem o interesse de criar e sistematizar a falsa consciência da realidade, a classe proletária ou revolucionária tem o interesse de criar e aumentar uma consciência correta da realidade já existente.

Na sociedade capitalista, o proletariado é a classe que possui este interesse e, por isto, pode desenvolver uma consciência correta da realidade. Entretanto, esta consciência é, num primeiro momento, contraditória. É com o desenvolvimento da luta de classes que o proletariado supera as contradições existentes na sua consciência e desenvolve uma autêntica consciência correta da realidade, passa-se, assim, da consciência de classe contraditória para a consciência de classe revolucionária (VIANA, 2008, p. 54).

A analogia entre teoria e ideologia na sociedade capitalista gera a definição que cada uma tem da classe a que corresponde. Para Viana (2008) a classe revolucionária assim como a classe dominante, também produz os seus representantes, com a tarefa de desempenhar a consciência de classe do proletariado, com a intenção de integrar e pronunciar as intenções da mesma na sua natureza conceitual.

Em contrapartida a ideologia propõe realizar um sistema de

interpretações com a falsa consciência da realidade, ou seja, uma abstração. Assim, a ideologia desempenha o papel de abstrair da realidade os conceitos niveladores que mantenham o seu caráter dominador numa falsa expressão da vida material.

A teoria se fundamenta num universo conceitual onde sempre se pode acrescentar novos conceitos e ver novas relações, num processo interminável, tal como é a realidade. Por conseguinte, a teoria é sempre incompleta, pois ela busca ser expressão da realidade e esta é infinita e quanto mais nos aproximamos dela, tanto mais surgem novos problemas e aspectos a ser analisados, e por tanto nunca há um fim (VIANA, 2008, p. 55).

A teoria é “a articulação da consciência revolucionária do proletariado, então ela se manifesta como saber interessado, expressão de necessidades, valores, sentimentos”, a teoria tem o sentido ainda de ser teleológica, ou seja, “é elaborada com o objetivo de atingir uma finalidade, que é, na nossa sociedade, a transformação social” (VIANA, 2008, p. 56). Seu interesse não está em manifestar a objetividade, pois a própria objetividade pode desempenhar um caráter de pronto e acabado, pelo contrário, a teoria é subjetiva, expressa continuamente condições reais existentes na classe proletária, na atual circunstância da sociedade capitalista.

Para Viana (2008) definir se uma teoria é expressão teórica da classe proletária ou ainda definir se uma filosofia é expressão da classe dominante, é imprescindível observar se a mesma concorda com os valores da classe que se expressa. Por isso é importante observar o contexto que levou Marx a contribuir com uma teoria que expresse as condições reais da classe operária.

O conteúdo do marxismo, assim como o de todas as concepções políticas e filosóficas, é definido pelo seu caráter de classe. Cada classe elabora suas manifestações culturais dentro de uma ou mais formas que coincidem com o seu interesse de classe. A burguesia elabora suas manifestações culturais em nível sistemático sob a forma de ideologia e o proletariado em nível articulado sob a forma de teoria. O marxismo, desde que surgiu, buscou ligar-se e expressar intencionalmente os interesses de classe do proletariado (VIANA, 2008, p.57).

É do interesse de Marx fornecer uma resposta real e sistemática as fases de desenvolvimento da sociedade. O modo de produção, segundo ele, proporciona todo o processo de vida material, e a partir da tomada de consciência que o indivíduo toma conhecimento do lugar que ocupa na estrutura

social. Isso significa que sendo o proletariado a classe que detém a força de trabalho sobre a qual se ergue todas as outras classes, torna responsável dessa classe de revoltar contra seus dominantes para romper com o processo de exploração das forças produtivas e instaurando uma nova organização social autogestionária.

A teoria de Marx apresenta-se como expressão teórica da classe proletária por fornecer todo o sentido real e prático para a luta de classes. Ao criticar o idealismo burguês e desenvolver um método que extrai da realidade do ser de classes as relações de dominação, Marx sintetiza todos os problemas econômicos, políticos e sociais que a humanidade ao longo de sua evolução apresentam, como os homens se comportam e evoluem mediante as suas necessidades e apresentadas em um único método de análise.

As observações de seu pensamento libertário foram amplamente criticadas pelos intelectuais burgueses de sua época e seu posicionamento radical se tratava de uma resposta real e histórica as questões que a modernidade vinha apresentando a partir da consolidação do capitalismo. Posteriormente nos discursos inflamados dos social-democratas e intelectuais partidários bolcheviques seu método de análise irá sofrer críticas veementes. O século XX será um período de brutal deturpação do marxismo e das próprias ideias de Marx. Essas afirmações serão desenvolvidas com mais calma nas próximas páginas.

CAPÍTULO II

O Marxismo Libertário na Obra de Maurício Tragtenberg

Neste capítulo, abordaremos o pensamento de Tragtenberg, apresentando uma autobiografia e posteriormente evidenciaremos suas obras que o caracteriza como revolucionário e libertário, destacando neste mesmo contexto o seu percurso histórico de pensamento.

Maurício Tragtenberg foi um autodidata, que apesar de uma formação não-convencional e de uma trajetória pós-graduada não-convencional, conseguiu acumular conhecimento para lidar com o ensino de pesquisa acadêmico e manter uma atividade extra-acadêmica voltada aos trabalhadores através da coluna sindical “No Batente” na imprensa paulista.

Filho de judeus nasceu em 04/11/1929 e faleceu em 17/11/1998, sua primeira infância foi junto aos avôs camponeses emigrantes no interior do Rio Grande do Sul, na antiga Erexim, atualmente Getúlio Vargas. Desde pequeno assistia os discursos dos clássicos russos narrados por eles. Com a morte do pai, migra com sua mãe para Porto Alegre, mais tarde iria para São Paulo onde começou a freqüentar uma escola judaica ortodoxa onde estudava o ensino primário formal complementando com estudos hebraicos e judaicos.

Com a perda do pai, começou a trabalhar cedo, para ajudar a mãe nas despesas domésticas, influenciado pelos vizinhos ingressou no Partido Comunista, no mesmo tempo em que ingressava em outros grupos de difusão cultural popular.

Ao ingressar no PC e tomar mais aprofundamento sobre as questões socialistas e anarquistas, Tragtenberg começa a compreender a partir dos debates de alguns militantes sindicais o que fora realmente a Revolução Russa e o esmagamento das frentes operárias pelo governo leninista. Neste mesmo momento, ele começa através de alguns conhecidos amigos socialistas a tomar conhecimento da crítica de Rosa Luxemburgo e os “descaminhos do bolchevismo”. Ficaria sabendo também como Makno e seus componentes foram esmagados por Lênin e da rebelião dos marinheiros de Kronstad contra a

“comissariocracia” instituída pelos bolcheviques.

Levando suas dúvidas ao IV Congresso do PCB, a reação foi unânime, todos o negligenciaram e o proibiu de ler Marx e Lênin. No entanto, Tragtenberg persistindo em suas “dúvidas”, foi solenemente expulso do PCB o que impulsionou a freqüentar os cursos do Partido Socialista, a iniciar a leitura dos clássicos marxistas, como também a obra do “herético” Trotsky ao mesmo tempo em que se fascinava pelo tema da burocracia.

O tema da burocracia ocupou grande parte de sua vida, reunia-se com um grupo de leitura na Biblioteca Municipal de São Paulo para se ler de tudo, de Aristóteles a Sprengler, passando por Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e José Régio. Neste mesmo período já colaborava com artigos para orientações socialistas e participava de reuniões sindicais, ao mesmo tempo em que aumentava sua visão crítica sobre a burocracia no movimento operário, influenciado pelo convívio com a família Abramo.

Instruído pelo amigo Antonio Candido Tragtenberg fica a par de uma lei federal que o permitiria apresentar uma monografia à FFLCH da USP, para prestar vestibular e cursar a universidade, pois sendo ele um autodidata não possuía o diploma de conclusão do ensino formal. Estruturando a monografia com o tema Planificação: Desafio do século XX, Tragtenberg consegue a aprovação e presta vestibular para o curso de Ciências Sociais, no entanto não conseguiu se adequar a rotina escolar muito menos com alguns professores. Desistindo do curso, ele presta novo vestibular para História da Civilização pensando estar mais condizente com os princípios do materialismo histórico e ter uma boa formação em História.

Com a conclusão do curso, Tragtenberg prestou concurso de ingresso ao magistério oficial do Estado. Tornando-se docente, esteve em várias cidades do interior paulista, ministrando suas aulas com rigor crítico, ao mesmo tempo em que era severamente perseguido por conta da sua postura radical. O ano de 1964 foi de desligamento docente por conta da perseguição do governo de Adhemar de Barros, com um sério esgotamento mental, Tragtenberg é internado no Instituto Aché por 90 dias, nesse período elabora sua tese de doutorado Burocracia e Ideologia que defenderia na área de Política da USP.

Com ajuda de seu amigo Cláudio Abramo em 1965 assume a direção do noticiário internacional do jornal Folha de S. Paulo. Três anos depois é

contratado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), para lecionar no departamento de Ciências Sociais, onde iria ministrar cursos sobre Sociologia da Burocracia. Neste período Tragtenberg lia Weber assiduamente, principalmente Economia e Sociedade interessado pela Sociologia do Direito.

Publicou vários artigos na imprensa dando destaque para a coluna sindical “No Batente”, traduzia para o público geral o que acontecia no interior das empresas na política sindical e na política no geral. Sua colaboração na seção “Tendências e Debates” na Folha de S. Paulo acompanharam o fim do regime militar e o início da “abertura” política.

Publicou livros paradigmáticos como Reflexões Sobre o Socialismo, Editora Moderna e A Revolução Russa, Editora Atual. Também estruturou a Coleção “Pensamento e Ação” junto à Editora Cortez, com cinco clássicos da política já editados. Além da participação em diversas bancas examinadoras.

Na Faculdade de Educação da UNICAMP em teses de mestrado e doutorado, Tragtenberg fez parte como orientador ou amigo solidário, na introdução de autores como Michel Foucault, Trotsky, V. Thompson, James Burham, Lapassade, a teoria da administração escolar passou a ser vista nos cursos de graduação como um discurso do poder que exprime relações de força nas organizações¹.

Conhecido como o “homem que conciliou erudição, rigor intelectual, militância e afetividade” (Accioly, Marrach, 2001), Maurício Tragtenberg é um militante autêntico da autogestão social, que soube unir em sua trajetória de vida críticas ao institucionalismo hierarquizado de centros universitários, sindicatos e partidos políticos, que segundo ele surge para representar interesses da dominação do Estado Capitalista.

A ação libertária é sem dúvida uma de suas principais características, a originalidade de um sociólogo genuíno, digno de expressar as problemáticas do sistema capitalista no estado atual, é o que se nota em seus artigos e entrevistas; muitos destes periódicos estão reunidos e publicados em livros. Após sua morte em 1998 suas obras foram organizadas e reeditadas pela Editora UNESP,

¹ O texto acima pertence ao trecho autobiográfico do “Memorial” do Prof. Maurício Tragtenberg, apresentado à Faculdade de Educação da Unicamp em 1990, como parte do concurso para professor titular na disciplina Teoria das Organizações. Publicado inicialmente na Revista Pró-Posições, nº 4, março de 1991, Campinas-SP, pp. 79-87 (FE/Unicamp) e como homenagem póstuma na Revista Educação & Sociedade, 65, dezembro de 1998, Campinas-SP, p.7-20; e na Revista Espaço Acadêmico, nº 30, novembro de 2003. http://agemt.org/?page_id=72 Acesso em 24/11/2014.

trazendo para o público geral a chance de conhecer seu legado histórico-social, uma obra geral que expressa compromisso militante e uma perspectiva política crítica à sociedade capitalista e às concepções autoritárias sobre o socialismo.

Ao mencionar que Tragtenberg é um intelectual crítico e autêntico em sua militância autogestionária, um exemplo desse legado está no livro titulado *Maurício Tragtenberg: Uma vida para as Ciências Humanas 2001*, organizado por Doris Accioly e Silva, Sonia Alem Marrach, trata-se de uma coletânea de textos, depoimentos de amigos e alunos de Tragtenberg, que reúne um pouco da intelectualidade e ação libertária que cada um retirou para si a partir da convivência que tiveram em algum momento da vida com Tragtenberg.

A atividade extra-acadêmica de Tragtenberg, elemento de fusão entre a atividade intelectual e a luta social, fundamentou-se em princípios historicamente vinculados ao movimento operário: a autogestão, a autonomia do indivíduo e a solidariedade. Dessa forma, ele resgata uma ideia central já presente na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT): a concepção de que a “emancipação dos trabalhadores tem que ser obra dos próprios trabalhadores (OZAÍ, 2001 p.126.)

As amplitudes de seu conhecimento ao expor com sabedoria temas que incomodam a estrutura do capitalismo, fizeram Tragtenberg refletir sobre as lutas autogestionárias como práticas contínuas em oposição à burocracia e à supremacia do poder do Estado no livro *Reflexões Sobre o Socialismo* (2008), onde ele agrega aspectos importantes para expressão das lutas do operariado. Apoiando-se em Marx para exprimir conceitos fundamentais revolucionários, ele cita a necessidade dos trabalhadores criarem condições “igualitárias” para corromper com a estrutura verticalizada do “Estado, do partido ou do sindicato”.

Por mediação das instituições criadas no processo político-social, a classe operária possui a autogestão das suas lutas, ficando, portanto, a decisão e a execução em mãos dos trabalhadores. Assim, socialismo é entendido aqui como o regime em que a autogestão operária extingue o Estado como órgão separado e acima da sociedade, elimina o administrador dirigente da empresa em nome do capital e, ao mesmo tempo, elimina o intermediário político, isto é, o “político profissional” (TRAGTENBERG, 2008, p. 14).

Desta forma as lutas operárias são ações revolucionárias, porque “pelas formas de auto-organização que cria, igualitárias, coletivas, em que as relações de hierarquia verticais, a submissão ou a dependência estão excluídas” (TRAGTENBERG, 2008, p. 33). O que é importante notar é que todas as

“reflexões” que Tragtenberg expõe como expressão de luta, são experiências em oposição à burocracia que podem ser expressas em Estados, partidos e sindicatos.

A revolta de Kronstadt e a revolução na Ucrânia são exemplos de expressão de luta pela autogestão, Tragtenberg ao examinar tais acontecimentos observa primeiro o contexto da negação ao capitalismo privado. Apesar da conquista dos meios de produção pelos trabalhadores ter ocorrido na Revolução Russa em 1905, e o sucesso da revolução ucraniana em 1917, movimento do campesinato “organizados em milícias para garantir a democracia e realizar a autogestão social dos meios de produção” (TRAGTENBERG, 2008, p. 54), com ascensão do Partido Bolchevique de Lênin, instaura-se o Estado socialista russo com a tomada dos meios de produção e estabelecimento do capitalismo de estado.

Em *A Revolução Russa* (1988) Tragtenberg apresenta com mais riquezas de argumentos o que foi a Revolução Russa, os momentos antecedentes de lutas, o processo revolucionário e a posterior tomada do poder pelo partido de Lênin. A Rússia pré-revolucionária dominada pelo poder imperialista czarino, o capitalismo privado “regulava inúmeros aspectos da atividade humana. O governo era formalmente uma autocracia, no sentido de que a atividade política estava concentrada na figura de um autocrata, rei ou príncipe” (TRAGTENBERG, 1988, p. 51).

A revolução industrial na Rússia enriqueceu uma minoria no meio rural, abalou a estratificação social tradicional pré-capitalista, fazendo crescer a burguesia industrial e a classe dos mercadores e fazendo surgir um proletariado. Impulsionou o povo à ação social e política. O Estado russo autocrático e tradicionalista, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, por pressão popular, enveredará pelo caminho do constitucionalismo ocidental (TRAGTENBERG, 1988, p. 60).

De um lado estava o processo de concentração de capital com a industrialização, de outro estava o trabalhador russo em busca de melhorias, esmagado pelos novos industriais que representavam a nova elite exploradora. A modernização dos meios de produção, os latifundiários e acumulação do capital, impulsionavam o camponês russo a abandonar seus casebres e ir às cidades em busca de trabalho.

O desenvolvimento do capitalismo e da urbanização criou uma camada de operários que não participavam da vida municipal, espécie de “estrangeiros” na cidade industrial, submetidos à tutela dos empresários e a um controle policial, eufemisticamente chamado de *Inspecção do Trabalho*, generalizado a partir de 1889 (TRAGTENBERG, 1988 p. 61).

A necessidade por melhorias na situação que os trabalhadores viviam fez surgir grupos operários que se reuniam e discutiam meios para se manterem, a instauração do processo de luta pela autogestão mesmo precária, não levaria muito tempo para se firmar. “O domingo sangrento nas ruas de São Petersburgo onde mais de mil pessoas foram mortas e cerca de mil manifestantes pacíficos saíram feridos” (TRAGTENBERG, 1988, p.70), tornou-se um marco para a Revolução de 1905 entre o exército czarino e os trabalhadores. Por outro lado os partidos políticos social-democratas que defendiam os interesses das classes as quais pertenciam empurravam o processo de luta e a desintegração do imperialismo. No entanto o que poucos sabiam era que estes social-democratas, como Lênin, por exemplo, líder do Partido bolchevique planejava “a implantação da ditadura do proletariado, dominação dos sovietes (conselhos operários) e sindicatos” (TRAGTENBERG, 1988, p. 75).

A armada czarina esfacelada se agruparia junto aos social-democratas, neste mesmo momento Lênin chega ao poder, graças a um golpe de estado. O discurso da democracia operária cederia espaço para a ditadura do proletariado, usando como fonte direta Marx para validar seu discurso autocrático e conseqüentemente transformar o tema da luta pela emancipação do operariado em um discurso inautêntico na implantação de um capitalismo de Estado. A Revolução de 1917,

pôs fim à supremacia política burguesa, ao eliminar a propriedade privada dos meios de produção e o sistema de propriedade. Entretanto, deixou intactas a hierarquia dentro da fábrica e a separação entre dirigentes e dirigidos (TRAGTENBERG 1988, p. 84).

O Estado soviético instaurou uma burocracia estatal desempenhando quase o mesmo papel que o capitalismo privado, “comparativamente o nível de vida médio soviético é superior ao do período czarista. Porém a burocracia soviética administra o Estado como uma propriedade privada” (TRAGTENBERG, 2008, p. 61). O taylorismo na fábrica como proposta capitalista dos meios de produção, a presença do sindicato como inibidor dos

levantes operários e a conservação do salário; atribui à união socialista soviética o caráter de “capitalismo de Estado integral” (TRAGTENBERG, 2008, p.61).

Tragtenberg em *O Capitalismo no Século XX* (2010) observa questões históricas que culminaram no processo de consolidação do capitalismo no século XX. Suas observações tratam de condições características do surgimento do capitalismo no ocidente. Essas particularidades perpassam discursos ideológicos que serviram de pano de fundo para os fundamentos do plano econômico moderno. Desde o espírito puritano inglês ao capitalismo livre norte-americano que surgiu graças às livres colônias, Tragtenberg chega à Rússia e a sua origem tribal e camponesa emergindo num processo de servidão que culminaria numa economia capitalista privada agrária e manufatureira até sofrer um processo tardio de industrialização e restaurar um capitalismo estatal. Ao analisar o processo de concentração da produção, Tragtenberg (2010) observa como a evolução do capitalismo tomou um sentido centralizador e monopolista.

Esse período de centralização inicia-se no começo do século XX com alianças, monopólios e cartéis. É o período no qual a concorrência gera sua contrapartida dialética, o monopólio. Por sua vez, o monopólio produz a socialização do processo de produção (TRAGTENBERG, 2010, p. 144).

A monopolização moderna não se volta mais para um mercado de livre concorrência, com capitais dispersos. Pelo contrário, a concentração da produção permite calcular as fontes de matéria-prima de cada país, como também as associações monopolísticas, blocos econômicos, integrados em um mercado em comum.

O sentido prático do desenvolvimento de uma economia centralizada só pode construir o elemento total para a realização da planificação socialista se as formas de propriedade corresponder ao processo de socialização da produção, ou seja, se forem socializadas (TRAGTENBERG, 2010, pp. 145-146).

O próprio processo de centralização econômica, “pode tirar a socialização da propriedade supérflua se tomar o rumo do capitalismo de Estado” (TRAGTENBERG, 2010, p. 146). O que determina, no entanto a centralização da produção apresentar causas aperfeiçoadas para a concretização do planejamento libertário apenas no sentido teórico. Pois só poderá se converter em sentido prático “na medida em que o próprio processo histórico for criando os meios de controle econômico-político do processo de produção pela classe

operária, com consciência de seu destino político e social” (TRAGTENBERG, 2010, p. 146).

A mais primorosa obra de Maurício Tragtenberg que apresenta com mais clareza seu percurso histórico de pensamento, é sem dúvida *Burocracia e Ideologia* (2006), nela Tragtenberg expressa um estudo das teorias administrativas na história apoiando-se na teoria da burocracia propondo uma sugestão analítica da crítica de Max Weber à burocracia totalizando uma interpretação histórica de seu pensamento. Neste mesmo contexto são expressas as críticas de Karl Marx para a opressão formal dos modos de produção. Perpassando ainda pela filosofia hegeliana alemã e filosofias francesas.

O texto segue apresentando o modo de produção asiático, onde a burocracia pressupõe a apropriação dos meios de produção pelo Estado, um poder político centralizador que detém uma economia centralizadora. Por conseguinte são discutidas as harmonias administrativas de Saint-Simon a Elton Mayo, neste contexto são descritas as teorias administrativas que correspondem à divisão mecânica do trabalho onde o parcelamento de tarefas é a mola propulsora do sistema.

A crise da consciência liberal alemã ocorrerá graças às mudanças realizadas por conta da Revolução Industrial, o processo de industrialização alemão permitira o enobrecimento da burguesia e o enriquecimento da nobreza; a burocracia seria o elemento mediador entre essas classes.

A produção intelectual de Max Weber tem papel de destaque, exatamente porque o tema da burocracia tomou grande parte da moderna produção crítica de Tragtenberg. O elaborado estudo de Weber sobre as inquietações das Ciências Sociais levaram Tragtenberg a esmiuçar a compreensão da Sociologia de Weber implicando na compreensão de sua sociologia política mais precisamente. Weber critica a política e o Estado, o corporativismo presente ao longo da história alemã, polemizando contra os partidários do corporativismo que surgem como representação profissional e o corporativismo como estrutura do Estado.

No texto burocracia: da mediação à dominação, são retomadas as ideias anteriores, a teoria geral da administração que é entendida como expressão abstrata de relações sociais concretas.

Para Tragtenberg (2006) a teoria da administração reproduz condições de opressão do homem pelo homem; seu discurso muda em função das

determinações sociais. Segundo ele as teorias da administração são ideológicas com falsa consciência da realidade, e ao mesmo tempo são operacionais em nível técnico. Deste modo fundamentando-se em Marx, Tragtenberg apresenta uma relativa autonomia da produção teórica que o mesmo tem em relação às determinações econômico-sociais globais.

Ao destacar algumas das principais obras de Tragtenberg, o que se propõe na verdade é discutir a trajetória intelectual do mesmo no sentido de demonstrar características fundamentais como a crítica ao capitalismo estatal, a luta pela autogestão e a expropriação dos meios de produção, acrescentando ainda o estudo sobre o tema da burocracia como suporte nivelador do capitalismo moderno na manutenção da divisão de classes.

A incansável luta autogestionária, fará de Tragtenberg um militante constante, um denunciador preocupado com o Estado que oprime e com a burocracia que promove a manutenção da desigualdade e a expropriação do trabalhador dos meios de produção. Sem dúvida seu legado está em cada texto ou palavra dita ou em cada ação de negação em favor dos desfavorecidos pelo poder que supervisiona e manipula o indivíduo.

CAPÍTULO III

Autenticidade Marxista em Maurício Tragtenberg

A principal justificativa para a escolha do tema da pesquisa ocorreu a partir da observação do discurso claro e conciso de Tragtenberg ao criticar as mazelas do sistema capitalista apoiando-se na proposta de Marx, propondo a autogestão como prática social.

Para identificar o marxismo libertário em Tragtenberg retomaremos a proposta inicial da pesquisa, neste sentido relacionaremos os conceitos: marxismo autêntico e pseudomarxismo, ideologia e teoria; alcançando a contribuição prática que Tragtenberg se propôs em sua militância política.

Maurício Tragtenberg ao longo de sua trajetória de vida produziu diversas obras nas quais incorporou críticas às organizações burocráticas do capitalismo dentro da ótica marxista original. Sua crítica à burocracia permite a observação da realidade social no estado atual do capitalismo.

Deste modo, as razões pelas quais se fez a escolha do problema e da própria pesquisa, fundamentaram-se na originalidade e na sua própria ação solidária. Uma característica interessante do nosso “intelectual genuíno” é a sua formação a partir do diálogo interdisciplinar, utilizar de variados referenciais teóricos debatendo-os e extraindo um ponto de concordância ou mesmo pontos de divergências que de alguma forma contribui positivamente para a elaboração de sua militância.

Antônio Ozaí (2001), aluno e orientando de Tragtenberg, diz que sua contribuição foi além da academia “sua obra interage com o movimento social”, para ele “os textos de Tragtenberg são textos de denúncia, que estabelecem diálogo real e direto com os operários e os excluídos do sistema formal” (OZAÍ, 2001, p.121). Para Michael Löwy, grande amigo de Tragtenberg, diz que:

“Maurício se destacou pela coerência política e intelectual. Fiel até seu último dia aos ideais do socialismo libertário e a uma reinterpretação antiburocrática do marxismo, Maurício Tragtenberg pertence a uma dupla linhagem cultural: a do socialismo heterodoxo no Brasil e a do judaísmo profético secularizado (LOWY 2001 p.33.)

Seus escritos são textos de acusação contra as mazelas do sistema formal, descrevendo claramente situações formalmente negadas por muitos ditos “marxistas”. A obra de Maurício Tragtenberg se consolida na heterodoxia marxista “pautada fundamentalmente por posições antileninistas, propositora, portanto, da radicalidade política anticapitalista de bases autogestionárias” (VIANA, 2007, p. 10). Tragtenberg foge a linhagem de pseudomarxistas que interpretaram e distorceram o pensamento e a própria pessoa de Marx.

Sucessores de Marx, como o próprio Engels foi um dos primeiros deformadores de seus estudos referentes ao método. Posteriormente Karl Kautsky e Lênin, tentaram simplificar e vulgarizar o método ultrapassando o pensamento e a proposta de Marx.

A vulgarização do marxismo ocorreu no centro de um desenvolvimento simultâneo do cientificismo e do positivismo, por um lado, e das organizações políticas e partidos social-democratas, por outro (VIANA, 2008, p. 32).

A concepção leninista sobre a definição do marxismo reproduzindo as teses de Kautsky determinou que “o marxismo é o sistema das ideias e da doutrina de Marx” e que ele completou as três principais correntes do cientificismo do século XIX: “a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês, ligado às doutrinas revolucionárias francesas em geral” (Lênin, 1985 apud VIANA, 2008, p.32-33). Para Lênin,

Graças à herança da filosofia clássica alemã, Marx criou o materialismo filosófico (a dialética materialista), graças à herança da economia política inglesa fundou sua “doutrina econômica” (teoria do capitalismo) e, por fim, graças ao socialismo francês elaborou a “doutrina da luta de classes”. O conteúdo essencial do marxismo é segundo Lênin, a “doutrina econômica do capitalismo” (VIANA, 2008, p.33).

Dessa forma Lênin define o marxismo como uma “ciência proletária” ultrapassando o pensamento e a proposta de Marx, pois o marxismo não possui expressões ideológicas como as três correntes científicas do final do século XIX, pelo contrário, Marx as observa e posteriormente as supera. Seu método busca romper com as correntes ideológicas, expressa as intenções os interesses reais da classe proletária e não interpretações burguesas que partem do abstrato para o real e não o contrário. “O próprio Lênin ao elaborar sua ideologia do

partido ou a “teoria” do imperialismo ultrapassou as ideias de Marx e quis continuar se auto-intitulando marxista” (VIANA, 2008, pp. 35-36).

Após a Revolução Russa, a interpretação dominante no marxismo passou a ser a leninista. Ela se tornou sinônimo de ortodoxia, e o cientificismo, já dominante desde o final do século 19, passou a reinar absoluto no interior do marxismo (VIANA, 2007, p. 18).

Utilizando como fonte direta Marx para validar seu discurso em uma “teoria do partido” e conseqüentemente transformar o tema da luta pela emancipação do proletariado em um discurso inautêntico na implantação de um capitalismo de Estado, Lênin “após a revolução russa, se tornou uma “autoridade” no movimento socialista e influenciou toda uma geração de pensadores e militantes políticos” (VIANA, 2008, p. 40).

A crítica ao marxismo vulgar ou ao pseudomarxismo é expressa militantemente por Tragtenberg em seus textos. Em *Reflexões Sobre o Socialismo* (2008) quando demonstra a incapacidade do partido de Lênin em expressar os interesses da maioria (proletariado) ao expressar o interesse da minoria (Estado) deixa clara a ausência do marxismo original.

Pois a proposta de Marx é contribuir com uma teoria que expresse o interesse coletivo, numa busca pela emancipação do proletariado numa correta consciência da realidade. Em contrapartida, Lênin ao expressar seu interesse individual ao romper com o capitalismo privado e impor o capitalismo estatal, demonstra o interesse dominante com um discurso ideológico, expressando uma falsa consciência da realidade. Falaremos melhor sobre isso, a seguir retornando ao método de análise.

A determinação das relações de produção contribui para a existência de classes, determinando a divisão social do trabalho e dos meios de produção. Segundo o método de Marx a relação de interesses reproduz analogia entre interesse individual e interesse coletivo. Essas relações materiais determinadas implica nas necessidades da classe burguesa (o individual) e nos interesses da classe proletária (o coletivo). Com a divisão social do trabalho, característica da sociedade dividida em classes, surge a separação entre ideologia e teoria. A função da ideologia está em expressar interesses individuais como sendo interesse coletivo.

A ascensão do poder pelo partido de Lênin significou, antes de qualquer

coisa, a tentativa de por em prática um planejamento de oposição ao capitalismo privado. Antes da tomada do poder, Lênin definia a palavra de ordem: todo poder aos soviétes. Ao fazer isso Lênin utilizava a teoria do proletariado para imprimir o interesse de seu partido na forma de interesse coletivo. Assim que seu partido toma o poder o discurso adquiriu interesse individual e autoritário implantando a “ditadura do proletariado” (TRAGTENBERG, 2008, p. 46).

Para Marx as ideologias são produto de uma falsa consciência da realidade, por estarem envolvidas na ação de imitação da sociedade burguesa detém em si uma lógica oposta, pois não demonstram interesses de um sentido prático na ótica da sociedade capitalista, de maneira oposta, ocultam as formas reais, para expressar as formas de dominação.

[...] se a ideologia só surge em sociedade de classes [...] que são contraditórias por natureza, então a dominação e a resistência também se reproduzem no plano cultural e intelectual. Neste sentido, podemos dizer que o interesse das classes exploradas está em produzir uma consciência correta da realidade social e assim entra em contradição com a ideologia (VIANA, 2008, p. 49).

Para superar esse estado de coisas “cabe ao proletariado realizar a crítica da ideologia e da falsa consciência. Tal crítica assume a forma de teoria” (VIANA, 2008, p. 49). A tomada da consciência significa antes de qualquer coisa a emancipação dos trabalhadores, a apropriação dos meios de produção pelos próprios trabalhadores, numa revolução social consciente.

A tomada da consciência ocorre quando o trabalhador rompe o isolamento, cria uma forma coletiva de expressão. Uma barra de ferro que interrompa a velocidade da linha de produção pode simbolizar sua retomada de consciência; é uma reação objetiva contra a divisão de trabalho que lhe é imposta, contra a disciplina a que está submetido (TRAGTENBERG, 2008, p. 24).

Segundo Viana (2008), Marx ao propor uma teoria do modo de produção capitalista, toma a realidade, como referencial e desfaz o discurso ideológico burguês do cientificismo, no entanto isso só foi possível porque ele rompeu com o mundo ideológico da economia política. Ao realizar tal inversão da ideologia, Marx apresenta uma perspectiva revolucionária, sua tese diz respeito à emancipação da classe trabalhadora, numa luta pela autogestão.

A autogestão não é um objetivo da sociedade capitalista, seja na forma do capitalismo privado, seja na forma livre-concorrencial, monopolista

ou estatal. Ela significa que o proletariado e os assalariados em geral gerem por si mesmos suas lutas, através das quais se conscientizam de que podem administrar a produção e criar novas formas de organização do trabalho. Em suma, que podem colocar em prática a “democracia operária” (TRAGTENBERG, 2008, p. 13).

Nas ações sociais e políticas que se manifestam continuamente os trabalhadores tornam-se legitimadores da revolução. Para Viana (2008) a classe dominante tem o interesse de criar e sistematizar a falsa consciência da realidade, a classe revolucionária tem o interesse de criar e aumentar uma consciência correta da realidade.

É com o desenvolvimento da luta de classes o proletariado supera as contradições existentes na sua consciência e desenvolve uma autêntica consciência correta da realidade, passa-se, assim, da consciência de classe contraditória para a consciência de classe revolucionária (VIANA, 2008, p. 54).

Na sociedade capitalista a relação entre teoria e ideologia tem a definição que cada uma tem da classe a que corresponde. A ideologia propõe realizar um sistema de interpretações com falsa consciência da realidade, ou seja, uma abstração, a teoria por sua vez desempenha uma articulação da consciência correta da realidade. “A teoria se fundamenta num universo conceitual onde sempre se podem acrescentar novos conceitos e ver novas relações, num processo interminável, tal como é a realidade” (VIANA, 2008, p.55). Definir se uma teoria é expressão teórica da classe proletária ou ainda definir se uma filosofia é expressão da classe dominante, é imprescindível observar se a mesma concorda com os valores da classe que se expressa.

Cada classe elabora suas manifestações culturais dentro de uma ou mais formas que coincidem com o seu interesse de classe. A burguesia elabora suas manifestações culturais em nível sistemático sob a forma de ideologia e o proletariado em nível articulado sob a forma de teoria. O marxismo, desde que surgiu, buscou ligar-se e expressar intencionalmente os interesses de classe do proletariado (VIANA, 2008, p. 57).

Tal expressão teórica tem por objetivo dar sentido real a luta do operariado, Marx inaugura um método que extrai da realidade do ser a síntese para a aplicação da mesma. Suas observações libertárias foram amplamente criticadas pelos intelectuais burgueses de sua época, seu posicionamento radical

tratava-se de uma resposta real e histórica as questões que a modernidade vinha apresentando a partir da consolidação do capitalismo. Assim,

o materialismo histórico parte de uma teoria da história das sociedades humanas, tomando como ponto de partida as relações sociais, o seu processo de constituição e reprodução. A base desse processo pode ser expresso no conceito de modo de produção. É no modo de produção que formam os elementos básicos e determinantes da vida social, ou seja, é no processo de produção e reprodução da vida material (bens necessários para a reprodução da sociedade, isto é, o conjunto das relações de produção) que se encontra a chave para explicar uma determinada sociedade. Diversos conceitos e análises foram desenvolvidos a partir de tal perspectiva e propiciaram um amplo desenvolvimento de sua teoria (VIANA, 2007, p. 107).

Esses amplos conceitos desenvolvidos posterior a Marx permitiram seus intérpretes aproximar e afastar da teoria marxista, com aplicações por vezes contraditórias ou por vezes complementares. Ao contrário de Lênin que se afasta da proposta original do marxismo e o define como uma “ciência proletária” ultrapassando o pensamento e a proposta de Marx, elaborando uma teoria partidária, Tragtenberg por sua vez dará continuidade a proposta autêntica da teoria marxista, tornando suas análises e a própria vida militante, exemplos indeléveis de tal continuação. Ao se aproximar das questões práticas, materiais e sociais do operariado, Tragtenberg desenvolve um estudo conciso sobre as ideologias dominantes e seu discurso autoritário.

A crítica à burocracia social e partidária será ampliada por toda sua obra, em especial *Burocracia e Ideologia* (2006). No capítulo em que se volta especialmente para autocrítica weberiana, Tragtenberg fará uma análise minuciosa de sua sociologia e a crítica que o mesmo faz à burocracia, no mesmo momento em que surge a síntese de Marx “constituindo-se resposta intelectual à emergência de uma sociedade de classes oriunda da Revolução Industrial e de sua propagação pela Europa” (TRAGTENBERG, 2006, p. 133).

A produção intelectual de Max Weber ocorre no mesmo contexto em que a Alemanha passa por um “arranque industrial” dirigida pela burocracia, por um proletariado com alta consciência de si e por uma burguesia dependente. Preocupado com os “mecanismos do capitalismo”, Weber surgia como “próspero político”, porém foi na “pesquisa empírica” que mais se destaca, se preocupando com problemas sócio-econômicos.

Nos estudos weberianos, Tragtenberg observa a análise que Weber faz da classe operária com a introdução da máquina e o comportamento do operário. Tragtenberg vê em seus estudos as relações sociais e a definição da Sociologia que ele apresenta enquanto ciência da ação social.

Weber desenvolvendo o conceito de ação social significativa, tendo como ponto de partida o *indivíduo*; mesmo as formações como Estado, empresa ou sociedade anônima aparecem a ele como produto de *entidades individuais*, ou melhor, são palcos onde se define a ação social de uns quantos *indivíduos* (TRAGTENBERG, 2006, p. 141).

Dessa forma Weber vê o indivíduo como ser que constitui a ação, numa relação entre sujeito-objeto constituindo uma mesma realidade. “A realidade aparece como aparência, como modo de relação do sujeito com o objeto. Dá-se assim o surgimento de um objeto que coincide com o ato da construção do objeto desse sujeito” (TRAGTENBERG, 2006, p. 142).

Em seus estudos políticos Weber critica o Estado e as burocracias corporativistas, que regulam processos eleitorais, qualidade de produção, tempo de trabalho; segundo ele essas organizações corporativas vinculadas ao Estado, grupos ou associações, não abandonariam a exploração da subordinação do capitalismo.

Em suma, para Weber, o Estado corporativo representaria o domínio absoluto do cartel capitalista que não tomaria em consideração ideias como *lucro conforme à natureza, economia comunitária*, conceitos produzidos por abismal insensatez. Weber assinala, pelo contrário, que os donos absolutos e incontroláveis do Estado serão os banqueiros e empresários capitalistas em tal ordenação corporativa, tutelando os resultados das lutas eleitorais (TRAGTENBERG, 2006, pp. 159-160).

Segundo Tragtenberg (2006) Weber critica o corporativismo presente ao longo da história alemã, polemizando contra os partidários do corporativismo que surgem como representação profissional e o corporativismo como estrutura do Estado.

A obra de Weber é profundamente polêmica; o ambiente intelectual em que ele viveu explica sua obra e a incompreensão de que tem sido vítima. Mas esse ambiente aparece em Weber, constitui seu quadro ideológico, seus pontos de referência intelectuais, não existe de per si autonomamente, radicado numa sociedade de classes. Sendo essa realidade social contraditória, sua reflexão intelectual também o é. Na sua obra reflete-se a realidade social ambígua, que ele estudou para, em seguida, procurar transformá-la (TRAGTENBERG, 2006, p.167).

A complexidade da obra de Weber é descrito no brilhante texto de Tragtenberg, os estudos elaborados sobre a crítica à burocracia, a autocrítica de seu próprio pensamento weberiano, a posição essencialmente crítica diante da realidade alemã, o protesto contra as condições políticas retardatárias do Estado alemão; são algumas das inumeráveis constatações que Tragtenberg faz genuinamente em um de seus célebres trabalhos.

O objetivo de Tragtenberg enquanto militante revolucionário, foi o de denunciar as mazelas do sistema capitalista, nas suas variadas estruturas sejam elas: burocráticas, políticas, administrativas ou social-partidárias. A hierarquia do sistema formal, o trabalho alienado, a divisão social do trabalho na linha de produção, o Estado como mediador da ideologia dominante na desigual relação entre burguesia e proletariado; tudo isso tende a demonstrar que as observações de nosso “intelectual genuíno” estão tão atuais quanto à época em que as produziu.

Ao divulgar seu ideal de luta, baseando-se na teoria de Marx é expressa a autenticidade de seu caráter libertário. No diálogo metodológico do marxismo onde estão expostas as observações desenvolvidas em pressupostos reais que exprimem o materialismo histórico na relação entre o ser e a consciência, pode-se observar que os mesmos conceitos como: a tomada da consciência correta da realidade numa luta pela autogestão dos meios de produção, as organizações igualitárias, a negação do interesse individual e do verticalismo são determinantes na trajetória intelectual de Tragtenberg.

A articulação dessas formas de luta operária que unificam pensamento e ação representa a prática da proposta socialista. Pode-se dizer que a luta operária é revolucionária pelas formas de auto-organização que cria, igualitárias, coletivas, em que as relações de hierarquia verticais, a submissão ou a dependência estão excluídas. Criando instituições autogeridas por meio de sua práxis, a classe operária abre espaços onde as novas formas econômicas podem se realizar. Nesse sentido é inegável a contribuição de Marx para uma maior consciência da importância da auto-organização dos trabalhadores como meio e fim, visando um projeto socialista (TRAGTENBERG, 2008, pp. 14-15).

A coerência entre a teoria e a prática de Tragtenberg, crítico e autêntico em sua militância revolucionária, demonstra a originalidade de seu trabalho. Pois ao confrontar o sistema capitalista e se articular diante do mesmo negando a dominação e a exploração que o pseudomarxismo apresentou, Maurício

Tragtenberg se mostra autêntico e libertário rompendo com os discursos deformadores que os militantes de sua época expunham sem pestanejar.

As amplitudes de seu conhecimento ao expor com sabedoria temas que incomodam a estrutura do capitalismo, fizeram Tragtenberg refletir sobre as lutas autogestionárias como práticas contínuas em oposição à burocracia e à supremacia do poder do Estado. Sua contribuição para emancipação da causa dos trabalhadores, sem dúvida o torna precursor da prática marxista libertária no Brasil.

CONCLUSÃO

Este trabalho é um grão de areia em favor do conhecimento, antes de qualquer coisa esta pesquisa buscou demonstrar a incansável luta que muitos travam contra a vulgarização do pensamento de Marx. As distorções do pensamento libertário de Marx culminaram em processos cruéis de esmagamento e opressão onde germinava ações comunistas em favor de melhores condições de vida social e material dos indivíduos. Apesar do tema da autogestão estar apresentado embrionariamente nos escritos de Marx, alguns conceitos básicos para posteriormente formar a teoria marxista foram detalhados pelo mesmo.

Maurício Tragtenberg uma fiel expressão da autenticidade do pensamento marxista, provido de uma genialidade e simplicidade inigualável, sem deixar de ser tônico no que falava, demonstra o quanto se comprometeu em ser verossímil com a autenticidade de Marx, ao mesmo tempo em que combatia o pseudomarxismo. Os ditos marxistas e anarquistas que o criticaram infelizmente não tiveram a sensibilidade de captar a mensagem dos aparatos dominantes que os rodeava. A universidade como um espaço conservador um lugar de disseminar o poder dominante, foi também um local que favoreceu Tragtenberg a acolher grandes amizades e também sofrer com os dissabores da burocracia.

A burocracia surgiu na sociedade capitalista para imprimir as relações desiguais das classes reproduzindo as condições de classes privilegiando o poder de mando. Tragtenberg critica esse poder de mando como sendo a apropriação dos meios de produção onde a burocracia controla e submete o trabalho alienado. A alienação do indivíduo reproduz a divisão social do trabalho entre material e intelectual, determinando a ação de dominado e dominador.

Para Tragtenberg (2008) a resposta que deve ser dada a essa divisão do trabalho e aos aparatos da burocracia deve ser se não a luta de classes, a emancipação do trabalhador deve ser feita pelo próprio trabalhador, negando as organizações sindicais e partidárias que verticalizam as organizações existentes.

Encontramos aqui como em outros momentos a originalidade de Marx nos trabalhos de Tragtenberg, pois em Marx, é a partir das articulações das lutas

operárias é que se pode unificar o pensamento e ação para a prática da luta em favor da liberdade e autogestão.

Nos escritos metodológicos onde estão apresentados os conceitos básicos da teoria marxista, Marx aponta entre outros temas a relação entre o Estado e as lutas de classes. O Estado como uma instituição abstrata construída pelos homens para impor a força de uma minoria sobre a maioria faz surgir a burguesia e os aparatos estatais como meios de emancipação. Essas formas de organização da sociedade capitalista criam novas estruturas burocráticas, que se tornam expressões do interesse de classes.

Tragtenberg ao analisar o Leninismo como expressão da burocracia partidária, observa a institucionalização do Partido Bolchevique em burocracia estatal, ao apropriar-se dos meios de produção privados, Lênin desapropria a luta dos trabalhadores iniciada no estado czarino mesmo que de forma desorganizada, os revoltosos lutaram por direitos econômicos e por melhores condições de vida. Com a implantação da burocracia partidária o Estado capitalista afoga qualquer tipo de revolução proletária, e o aparelho estatal institui uma burocracia especializada com uma falsa consciência ideológica do comunismo.

Ao preparar as forças de trabalho para alimentar as condições da burguesia da sociedade capitalista constitui-se na expropriação de muitos para a emancipação de poucos. O indivíduo se aliena para manter as condições de exploração, fazendo surgir novas formas de manifestações a partir dos interesses de classes.

Em *A Ideologia Alemã*, onde trata da luta contra a dominação do Estado, Marx descreve o comunismo, movimento que rompe contra as condições de vida material, exemplificados na Comuna de Paris (1871) e na Revolução de 1905 na Rússia. Essas revoltas simbolizam a luta da classe operária que negam o contexto permanente. Foi a classe operária que, pôs fim ao Czarismo, a Revolução de 1905 torna-se um exemplo da auto-organização social, apesar da ineficiência em manter-se diante da apropriação pelo Leninismo, o início do século XX será marcado por levantes de organização proletária e autogestão social.

O tema da autogestão desenvolvido posteriormente a partir dos escritos de Marx se tornaria uma das jornadas de luta de Tragtenberg ao analisar vários

contextos de luta no Brasil. As greves sindicais, as lutas do operariado nas fábricas, as lutas dos trabalhadores rurais; serão repreendidas por ele usando da própria burocracia que o submetia ao trabalho compulsório para denunciar as mazelas do Estado e seus aparatos estatais na dominação do trabalhador. Ao publicar vários artigos na imprensa dando destaque para a coluna sindical “No Batente”, traduzia para o público geral o que acontecia no interior das empresas na política sindical e na política no geral.

As amplitudes de seu conhecimento permitiram Tragtenberg alcançar a universidade sem concluir o ensino formal, o autodidatismo, a incansável necessidade de ler o fez um universitário. As influências de pessoas do convívio diário o fizeram conhecer outras pessoas que o aproximaram ainda mais de densas leituras com elevado nível crítico.

Tantas amizades construídas a partir da sua simplicidade e genialidade fizeram de Tragtenberg um exemplo de integridade. Tudo que lia o fazia mais conivente com o que acreditava, sua postura era compatível com o que criticava não se preocupava em falar para agradar, mas em denunciar, expor novos conceitos. Era solidário com os alunos e colegas interessados por novas leituras e pontos de vistas, mas enfático com as perseguições e os excessos.

Tragtenberg foi sem dúvida um dos poucos de espírito livre, “radical, libertário, intransigente, sobre a realidade brasileira, o movimento social” entre outros de uma “lucidez crítica e a força de convicção” (LOWY, 2001, p. 33.); o torna um célebre sociólogo, bem mais que isso o torna um militante autêntico na incansável luta pela emancipação, na constante negação do sistema que oprime e corrompe. Fazendo necessário manter sua memória sempre viva e respeitada diante das mazelas que teimam em destruir a luta que emerge sob seus olhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDIOLLI, Marcos. *Apontamentos sobre o método dialético em Karl Marx*, 2009.

http://cordioli.files.wordpress.com/2009/10/cordioli_h003metodo_em_marx.pdf

Acesso em 11/09/2014.

LICÓRCIO, Angelina M. O. *Resenha descritiva do livro Burocracia e Ideologia de TRAGTENBERG, Maurício*.

<http://pt.scribd.com/doc/112303151/TRAGTENBERG-Mauricio-Burocracia-e-Ideologia#scribd>

Acesso 22/11/ 2014.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. 1845-1846.

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ideologiaalema.html>

Acesso em 13/10/2014.

_____ *Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política*. 1859.

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/concritconpoli/introducao.htm>

Acesso em 14/10/2014.

_____ *Prefácio à "Contribuição à Crítica da Economia Política"*. Edição de 1931.

Traduzido do espanhol em 1859.

<http://vermelho.org.br/html/biblioteca/docs/critica.doc>

Acesso em 16/10/2014.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Ed. Atual, 1988.

_____ *Burocracia e Ideologia*. 2ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2006.

_____ *Reflexões Sobre o Socialismo*. 8ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2008.

_____ *O Capitalismo no Século XX*. 2ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2010.

_____ *Uma Vida para as Ciências Humanas/ org. Doris Accioly e Silva, Sonia Alem Marrach*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Ed. Alternativa, 2007.

_____ *O que é o Marxismo?* Rio de Janeiro: Ed. Elo, 2008.

_____ *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2008.

_____ *Maurício Tragtenberg - Um Sociólogo Libertário*. Informe e Crítica, 2011.

<http://informecritica.blogspot.com.br/2011/04/mauricio-tragtenberg-um-sociologo.html>

Acesso em 19/10/2014.